



O clamor dos deserdados da terra

Em novo livro, Whisner Fraga reúne 55 minicontos que reproduzem o drama dos excluídos que vivem nas ruas de São Paulo. E o faz sem perder a ternura

Adelto Gonçalves

I
Histórias dos deserdados da terra que habitam as ruas de São Paulo compõem *As fomes inaugurais* (Editora Sinete, 2024), o mais recente livro de Whisner Fraga, autor de mais de uma dezena de obras nos gêneros romance e contos, algumas premiadas. Desta vez, são 55 minicontos sobre personagens que se acostumaram a viver à margem de uma sociedade que não só não tem interesse em acolhê-los como faz questão de enxotá-los de suas calçadas.

Para tanto, o autor, já experimentado no ofício, vale-se de vários recursos de estilo, como o realismo mágico, o fluxo de consciência e as narrativas em terceira e primeira pessoas, sem deixar de recorrer, às vezes, à linguagem do teatro, em textos sempre entremeados por prosa poética.

No miniconto “brasões, flâmulas, insígnias”, o autor observa que “mendigo é diferente de morador de rua e pessoa em situação de rua é pior, morador de rua escolhe morar na rua, e pessoa em situação de rua pousa no abrigo, sem o cachorro, pois não recebem bichos lá”. E acrescenta que os burgueses “estão se lixando se dormem na rua ou no asilo ou o modo que são denominados, dependendo do lugar em que pernoitam”.

Se se pode acrescentar alguma coisa a esse miniconto, é para lembrar que, segundo depoimento ouvido recentemente de um sem teto, muitas vezes, é melhor dormir na rua, de preferência debaixo de uma marquise, do que pernoitar num asilo público, correndo o risco de ser roubado por aqueles que lá também pernoitam e precisam de seu parco dinheirinho para alimentar o vício das drogas. Eita, que mundo cão!

II
Em alguns minicontos, aparecem o dono de um bar, conhecido como Seu Manuel, e Helena, sempre dialogando com o narrador. Em outros, mulheres em situação de rua buscam dinheiro em *lives* eróticas e

uma família que mora em um carro abandonado e começa a adaptá-lo para transformá-lo em uma casa. No miniconto “usualmente a heresia”, há um flagrante da vida de um casal de excluídos: “a aguardente brilha de baixo do holofote mirrado do poste, a mulher espera que ele desembuche e deposite o litro em seu colo: não é capaz de despertar sem uma talagada (...)”.

Já no miniconto “seiva”, o leitor vai se deparar com o drama de uma excluída, procedente de Manari, município de Pernambuco que, no início deste século, foi considerado o mais pobre do Brasil. Ela está grávida e procura assistência médica em unidades públicas: “quatro meses? , não acompanha, estava afilta porque não descia, decide ir ao postinho, sorte que uma enfermeira de plantão a examina, recomenda pré-natal, chispa, se ela pede endreço, diz o quê?, não, não retorna, prefere o relento de São Paulo à laje de Manari, não adianta teimar: não avisa a mãe, o que fará daquela lonjura, na escassez irrepreensível?, vive, com a soberania dos brutalizados, a altivez dos autodenominados puros? quer distância de santos, essas beatas que adoram operar o chicote, terá o filho, amará o filho (...), afaga o ventre e admira os edifícios com suas fachadas brutais, deglutindo famílias, acobertando tanto egoísmo e desigualdade: o que oferecerá ao filho?, a cidade enlaça suas quimeras, como um parasita atocaiando a presa”.

Por aqui, como ressalta o escritor Hugo Almeida, no posfácio que leva o título “Cântico aos excluídos”, vê-se que o leitor irá se deparar nesses contos com “um filme atual da exclusão dos desassistidos, párias de uma sociedade egoísta e cruel”. Mas, acrescenta-se, o que torna esta obra singular é exatamente a intenção do autor de não romantizar seus personagens, sem deixar de imprimir em tudo “um toque de poesia, ainda que dolorosa”, como observa Almeida, igualmente romancista, contista e ensaísta, autor de *Vale das ameixas* (romance) e *A voz dos sinos* (ensaio), ambos tam-

bém publicados pela Editora Sinete.

Para Almeida, Whisner Fraga é, hoje, “um dos mais vigorosos e criativos escritores brasileiros em atividade”, sempre preocupado em “denunciar a desigualdade socioeconômica, sem, contudo, dispensar o apuro estético”, cumprindo o papel de todo verdadeiro escritor, que é o de denunciar as mazelas do mundo. É o que o autor faz, pois, os seus contos, na maioria, trazem um fecho que “é um susto, o soco de nocaute da receita cortaziana”, como define Almeida, citando a técnica de escrita do autor argentino Julio Cortázar (1914-1984).

III

Nascido em Ituiutaba, Minas Gerais, em 1971, Whisner Fraga é formado em Engenharia Mecânica pela Universidade Federal de Uberlândia. Em Engenharia Mecânica, fez também mestrado na mesma universidade e doutorado na Universidade de São Paulo (USP). Mas, atraído pelas Letras, curso que iniciou, mas não concluiu, ainda durante o mestrado, publicou o livro de contos *Seres e sombras* (edição de autor, 1997). É formado também em Pedagogia e Marketing Digital.

Durante o doutoramento, publicou o seu segundo livro de contos, *Coreografia dos danados* (Edições Galo Branco, 2002), título inspirado em verso de Augusto dos Anjos (1884-1914). Concluiu o doutoramento em 2003 e, desde então, prestou concurso para a docência e vem lecionando para jovens e adultos. Ao mesmo tempo, atua como crítico literário em jornais impressos e sites dedicados à literatura. Também resenhou obras de literatura contemporânea no canal *Acontece nos Livros*, no YouTube, e é editor na Sinete.

Nos últimos tempos, publicou *Usufruto de demônios*, contos (Ofícios Terrestres Edições, 2022) e *O que devíamos ter feito*, contos (Editora Patuá, 2020). É autor ainda de *A cidade devolvida*, contos (Editora 7 Letras, 2005); *As espirais de outubro*, romance (Nankin, 2007), prêm-



Whisner Fraga

mio ProAC do Governo do Estado de São Paulo; *Abismo poente*, romance (Ficções Editora, 2009), prêmio ProAC do Governo do Estado de São Paulo; *O livro da carne*, poemas (Editora 7 Letras, 2010); *Sol entre noites*, romance (Ficções Editora, 2011), prêmio ProAC do Governo do Estado de São Paulo; *Lúcifer e outros subprodutos do medo*, contos (Editora Penalux, 2015), prêmio ProAC do Governo do Estado de São Paulo; *A verdade é apenas uma versão dos fatos* (Editora Penalux, 2017); e *O privilégio dos mortos*, romance (Editora Patuá, 2019).

Participou de antologias como *Os cem menores contos brasileiros do século* (Editora Ateliê, 2018), organizada por Marcelino Freire; e *Geração zero zero: fricções em rede* (Editora Língua Geral, 2011), organizada por Nelson de Oliveira. Alguns de seus contos foram traduzidos para o inglês, alemão e árabe e publicados em antologias.

As fomes inaugurais, de Whisner Fraga, com posfácio de Hugo Almeida. São Paulo - SP, Editora Sinete, 88 páginas, R\$ 55,00, 2024. editorasinete@gmail.com
www.editorasinete.com.br

Adelto Gonçalves -
Praia Grande (SP) -
jornalista, mestre
em Língua
Espanhola e
Literaturas
Espanhola e

Hispano-americana
e doutor em Letras
na área de Literatura Portuguesa
pela Universidade de São Paulo,
é autor de *Gonzaga, um poeta do
Iluminismo, Barcelona brasileira,
Bocage – o perfil perdido e Os
vira-latas da madrugada, entre
outros*. marilizadelto@uol.com.br





LV na Biblioteca Paul Harris

Linguagem Viva marcou presença no Sábado Literário Especial Dia Internacional das Mulheres realizado pela Biblioteca Paul Harris, no dia 8 de março, sábado, na Avenida Goiás, 950, em Santo Caetano do Sul (SP).

O evento foi promovido pela Biblioteca Paul Harris com o apoio da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul e da Secretaria Municipal de Educação de São Caetano do Sul.

Um sarau com microfone aberto contou com a participação das escritoras do Mulherio das Letras - SP e da Academia Popular de Letras, de Rosani Abou Adal e de Moreira de Acopiar - convidado especial - que falou um cordel em homenagem às mulheres.

Estiveram presentes os alunos da Universidade de São Caetano do Sul que prestigiaram a solenidade em homenagem às mulheres.

O evento, apresentado e coordenado pela bibliotecária Ana Maria Guimarães Rocha, contou com a cobertura da TV Relacionamento de Adailio Marrocos.

Foram distribuídos exemplares do jornal para os alunos da Universidade de São Caetano do Sul, frequentadores da Biblioteca Paul Harris e para o público presente.



Ana Maria Guimarães Rocha e Rosani Abou Adal

Linguagem Viva no Carnaval



Cleusa Santo, Rosani Abou Adal, Cleide Rocha, João Carlos e Luiz Antonio Pereira

O Bloco Cama e Café, do Ponto de Memória Cama e Café, no dia 3 de março, no Carnaval de São Paulo, prestou homenagem ao jornal *Linguagem Viva*, TV Artmult Cultural, *O Poder do Conto* e *O Sarau do Jornal*.

O cortejo de Carnaval Cama e Café São Paulo realizou a concentração às 13 horas, na Rua Roberto Simonsen, 79, Sé, em São Paulo.

O bloco saiu para ocupar as ruas do Centro Histórico de São Paulo, às 14 horas.

O tema foi O Ponto de Cultura e Memória Cama e Café São Paulo.

Foram homenageados o Car-

los Moura do Sarau do Jornal, a Cleusa Santo do *O Poder do Conto*, o Nicanor Jacinto da TV Artmult Cultural, Rosani Abou Adal do Jornal *Linguagem Viva*, Darci e Luciene Inácio do Cisarte, Laércio Cardoso do *O Guia das Multidões*, os guias de turismo do Caminhos do Triângulo, Edgar Louzi do Momento Literário, Tarcísio Geraldo Faria do Bloco Com Art, Maria Goretti da Moda Cultura e Brisola Dias da Cia de Teatro Epifania.

Luiz Antonio Pereira e Cleide Rocha do Cama e Café ficaram responsáveis pelo encerramento.

O cordão carnavalesco foi conduzido por Luiz Antonio Pereira - autor da letra e música do bloco - e por Cleide Rocha.

Cama e Café Alegria é Geral

Letra e música de Luiz Antonio Pereira

No Cama e Café alegria é geral. Tem a Cleide brincando Carnaval, "que legal". Sarau do Jornal, declama o poeta. TV Artmult Cultural, com *Linguagem Viva*. É Carnaval conta história legal. "O Poder do Conto", O Guia das Multidões, traz alegria. Caminhos do Triângulo, o Roteiro da Folia. Oi panela, minha panela. Sai a Marquesa e o nosso imperador. Tem feijoada pro Dr. "Luiz Gama" e a sobremesa "pudim com exposição, moda, música e teatro".

LINGUAGEM VIVA

Assinatura Anual: R\$ 160,00

Semestral: R\$ 80,00

Banco do Brasil: Conta 19081-0 - agência 0719-6 -

Banco Bradesco: agência 0165 - conta 0013923-8

PIX: (11) 97358-6255 - rosani@linguagemviva.com.br

Enviar comprovante e endereço para

linguagemviva@linguagemviva.com.br

Celular e Whatsapp.: (11) 97358-6255

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal
Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

Contato: Whatsapp (11) 97358-6255 -

linguagemviva@linguagemviva.com.br

Assinatura anual R\$ 160,00 e semestral R\$ 80,00

Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.

Impressão: *A Tribuna Piracicabana* - Tel.: (19) 2105-8555

Rua Tiradentes, 1111 - Piracicaba - SP - 13400-765.

Selos e logo de Xavier - www.xaviardelima1.wix.com/xavi

Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores

O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.



O MACACO

Raquel Naveira

É desconcertante o aspecto do macaco: tão semelhante ao ser humano que nos constrange e intriga. Observar sua agilidade, sua comichidade, seus dons de imitação desperta em nós a consciência do quanto somos animais.

O macaco simboliza a nossa alma, os nossos pensamentos pulando de galho em galho. É preciso acalmar a mente, amarrar esses aventureiros, salteadores, bandidos das forças instintivas. Afinal, mente quieta e coluna retesada é a postura do autodomínio e da meditação.

Quantas emoções ao ficarmos face a face com nosso ancestral peludo, caricatura brutal de nosso próprio ego. É por isso que o viveiro dos macacos em qualquer jardim zoológico é uma das principais atrações. Os visitantes reconhecem logo que esses bichos têm atitudes e comportamentos quase humanos, que permitem estabelecer comparações curiosas. Gorilas, chimpanzés e orangotangos nos impactam.

Certa vez, num sítio no sul de Mato Grosso, eu devia ter uns treze ou quatorze anos, fiquei admirando um macaco que pulava entre as árvores e as cercas de flores amarelas. De repente, ele me olhou fixamente, o membro ficou ereto, em risete e ele caminhou em minha direção. Senti medo, pavor, repulsa por aquele macho indecente, degradado pela luxúria e pela malícia. Revoltei-me: como pôde ter sido tão insolente? Cheguei a ter pesadelos, pois percebi que há temperamentos sensuais incontinentes que arrastam para a lascívia e para a morte.

Os estudos de anatomia comparada confirmam a impressão que todos temos desse íntimo parentesco com o macaco: o plano geral do esqueleto e a estrutura cerebral são os mesmos em homens e macacos. A diferença é que em nossa natureza humana houve o aperfeiçoamento do córtex cerebral, essa região que nos confere a capacidade de pensar em conceitos abstratos, de organizar causas e efeitos, de falar, de escrever.

Fundamental o toque desse fenômeno humano e divino que é a linguagem, o dom da palavra que

cria a realidade, pois "no princípio era o Verbo." O córtex, local de onde emana o Amor, esse que "ama o próximo como a si mesmo". Esse anti-natural amor capaz de altruísmo e de "ser leal com quem nos mata", como escreveu Camões.

Dizem que os macacos se reúnem em assembleias, agacham-se, batem no peito, mostram o traseiro, tagarelam ruidosamente um pouco antes do sol nascer e se pôr. Como será a linguagem desses mágicos espertos? Desses artistas da imitação? Quais os segredos dessas criaturas cúpidas? Desses convencidos vulgares?

Não há como fugir à questão: o homem originou-se mesmo do macaco? A velha e anacrônica discussão entre evolucionismo e criacionismo. O criacionismo apontado pela teologia judaico-cristã, apoiado na fé religiosa, nos textos bíblicos. O evolucionismo firmado em evidências cosmológicas, geológicas, arqueológicas e antropológicas. O criacionismo atribuindo uma origem transcendental e necessária através do sopro da vontade divina. O evolucionismo naturalizando o homem, fazendo-o parte contingente de um processo amplo e global.

A origem das espécies, de Charles Darwin (...), publicado em 1859, estimulou uma nova visão sobre a criação do mundo, mas o fato é que o conhecimento científico não alterou significativamente a crença ou a descrença em Deus, na imortalidade, na espiritualidade, no poder da oração dos que clamam ao Deus criacionista.

Há cientistas que creem em Deus, pois, apesar de a sociedade estar cada vez mais inclinada à ciência, a dimensão religiosa faz parte do ser humano, esse ente adorador, criatura criadora de mitos e símbolos. Religião e Ciência são duas verdades em contextos e planos diferentes. A dúvida, no entanto, é pressuposto da ciência. A fé não admite dúvida, ela é a certeza das coisas que não vemos. Ciência e Fé têm algo em comum: o mergulho no mistério.

Quando meu filho era pequeno, gostava de brincar com um macaco desengonçado que ele prendia no espaldar da cama. Veio o poema:



divulgação

O macaco é comovente, Parece gente.

Pula,
Se coça,
Fica com ar tão pensativo...

Faz gestos imprevisíveis:
Enxuga lágrimas,
Acena adeus,
Coloca as mãos em prece.

Macaco é rude,
Rude homem das cavernas,
Felpudo e bruto,
Terno e estúpido.

Guto foi ao circo,
Viou o macaco andando de bicicleta,
Porque se gosta de ver bicho
imitando atleta?

Fica mesmo a perplexidade:
"O macaco é comovente /
Parece gente."

**Raquel Naveira -
Campo Grande
(MS) - é escritora e
poeta. Membro da
Academia Sul-
Mato-Grossense
de Letras, da
Academia de Ciências de
Lisboa e da Academia Cristã de
Letras de São Paulo.**



PÃO COM POEMA

(a Paulo Henriques Britto)

Noélia Ribeiro

Então está bem
Viver é esse cumprimento
de obrigações para com Deus
os outros e si mesmo
É esse despertar amiúde
com uma interrogação
na mão a espetar
e sangrar
até o paliativo da atitude
Então está bem
Vou abrir os olhos
antes das cinco
abraçar os meus
depois dançar no chão
escorregadio da vida
com precisão e afincos
Se a lágrima cair, enxugo
vou para o Rio
tirar férias de sofrer
ou permaneço no risco
com maracugina e rivotril
Então viver é isto, meu amigo:
poema fresquinho
leite quente
pão dormido

**Noélia Ribeiro -
Brasília (DF) - é
poeta, revisora,
professora e
taquígrafa.
Formada em
Letras na UnB,
publicou cinco livros.
Instagram: @noeliaribeiro poeta**



EDITORA MANTIQUEIRA

COMUNICAÇÃO
DO GRITO AO SATELITE

6ª EDIÇÃO - Revista, atualizada e ampliada pelo autor

Antonio F. Costella - 14x21cm 248 págs. R\$48,00



Explica a história dos meios de comunicação: invenção da escrita e do papel; evolução dos correios, jornalismo e tipografia; descoberta da eletricidade e invenções do telégrafo, telefone, rádio, televisão, satélites, computadores e internet, no Brasil e no mundo.

Antonio F. Costella lecionou na Escola de Comunicações e Artes da USP, Faculdade Cásper Líbero e outras instituições, inclusive na Europa. Tem 37 livros publicados e recebeu da INTERCOM, em 2002, o Prêmio Luís Beltrão-Maturidade Acadêmica.

COMO COMPRAR:

(12) 3662 1832 OU editora@editoramantiqueira.com.br



Em busca da felicidade

Fernando Jorge

Ao despertar naquela fresca manhã, saí, sequioso, em busca da essência da Felicidade. O ar tinha o perfume balsâmico do aloendro e eu me sentia um jovem deus heleno com a fronte coroada de pâmpanos e de rosas.

Entrei na caverna do velho sábio, onde as estalactites rorejavam lágrimas prateadas e lá avistei, no fundo, seu nobre e taciturno vulto. Ratazanas gorduchas emergiam lépidas de sua barba argêntea de oito metros, que se prolongava, sinuosa, até a extremidade da comprida mesa atulhada de grossos alfarrábios. Uma teia irisada de aranha, de fio violeta e carmesim, desenhava-se, qual arabesco caprichoso, entre o seu ombro encurvado pelas exaustivas vigílias e a sua anfractuosa mão direita, de salientes veias roxas, apoiada à testa deprimida, cor de marfim antigo.

— Mestre — murmurei com voz ungida de respeito — vim solicitar-lhe a fórmula da Felicidade.

E o sábio respondeu:

— Não a conheço, mancebo. Gastei toda a minha vida, toda a minha mocidade, a estudar e, embora saiba muito, verifico, desolado, que não sei quase nada diante do grande mistério das 2 coisas. Como posso saber o que é a Felicidade, se tenho consciência absoluta do nosso relativismo, da nossa transitoriedade?

Calei-me, reconhecendo que o velho tinha razão. E ele ficou naquela caverna úmida, acabrunhado, contemplando, absorto, uma coruja enigmática, de pupilas arregaladas, que teimava em lhe fazer companhia...

Fui andando, andando, quando ouvi soluços, dolorosos soluços. Era uma linda mendiga, estirada ao solo, entevada, com o vestido em tiras, acuada por uma alcateia de chacais esfaimados. Após expulsar os repelentes animais, que se achavam prestes a devorá-la, perguntei-lhe se conhecia a Felicidade. E ela, ainda soluçando, me respondeu:

— Eu a conheci quando fui dançarina e não tinha as pernas paralisadas. Na dança eu era semelhante à uma açucena. A uma trêmula açucena exangue, desfalecida de amor, torturada de amor! Nem as garças

orgulhosas do rei mouro, que passeiam hieráticas, pernaltas, nos jardins do Generalife, nem Selene, a libidinosa coribante de carne feita de espumas, quando beijava o semblante lírio do Nazareno, mais branco que as mais brancas camélias, possuíam a alvura pálida de meus pequeninos pés!

— E sabia que era feliz?

— Não — suspirou tristemente a ex-dançarina — não sabia. Só soube o que é a Felicidade agora, que sou uma mendiga miserável, aleijada e andrajosa. E se fosse feliz de novo, também não saberia porque a Felicidade nunca se declara presente, nunca é uma amiga constante, de todas as horas!

Dei uma esmola à infeliz e parti outra vez em demanda da Felicidade. Queria vê-la, tocá-la. Afinal de contas, ela existe ou não? É real, palpável, ou uma abstração maravilhosa de nossa fantasia? E assim cogitando, intrigado, encontrei no meu caminho o Poeta. Ele vinha macilento, sonâmbulo, com a meleta desgrenhada. Desesperado, sacudindo-lhe com força as clavículas protuberantes, indaguei o que é preciso para ser feliz.

— A Felicidade, para mim — disse o Poeta — consiste em ficar lá na praia, num rochedo escuro, que há milênios recebe em seu lombo fragoso, tal hipopótamo tranquilo, as vergastadas furibundas dos vagalhões. Então, reclinado no dorso desse monstro, aguardo, olhando o desmaio histórico da lua, a visita da nereida que vem modular para mim, só para mim, a sua avena marinha de coral, incrustada de conchas coloridas! Os seus cabelos, os seus longos cabelos verdes, que rescen-

dem a âmbar, afloram das vagas envoltos em algas e sargaços, e ela, fascinante, desenastra as madeixas com seu pente de ouro e nácar, salpicado de salsugem, enquanto o luar a lambe numa carícia luxuriosa, desde a sua calda de escamas reluzentes! E suas esquisitas melodias? Elas me falam do voo 4 príncipes dos alciones, dos sussurros cálidos das brisas oceânicas, do reino silente e gélido dos tritões! Sim, ó mancebo, eis para mim em que consiste a Felicidade: apenas em amar e ser amado por uma sensual nereida de cabelos verdes, artista e romântica!

Mas a explicação do poeta não me satisfaz. O poeta é um ser visionário. Como dar crédito a um poeta? Se para o velho sábio a Felicidade é impossível, para a ex-dançarina ela jamais se revela. Portanto, nenhum dos três me desvendou os arcanos da inatingível miragem.

Quem sabe se a Natureza, esta escrava de Deus, poderia aplacar-me a ânsia da alma? Subi ao cume mais elevado da montanha e interoguei a mãe das criaturas. Ela me respondeu:

— Resolvi criar, certo dia, um homem feliz, completamente feliz, e uma vez, vendo-o a soluçar, perguntei-lhe a causa do seu pranto. Ele me confessou: porque sou feliz! Imensamente feliz! Todos elogiam, gabam a Felicidade, porque todos são sofrendores. Mas eu, ó Natureza, como posso saber ou imaginar o que é a Felicidade se nunca sofri? Mancebo: não haveria a esperança de dias fulgentes, se não houvesse sofrimento, não haveria bondade, se não houvesse maldade, não haveria beleza se não houves-

se fealdade. Vês? Tudo na Terra é necessário. Cristo e Judas. Nero e Pasteur. Jack, o Estripador e Santo Inácio de Loyola. O universo se acha regido por uma harmonia misteriosa. Não vês os dias que se sucedem às noites e vice-versa? Não vês a mocidade e a velhice? Comprendes, agora, o amor e o ódio? O motivo pelo qual o homem sofre e procura, sófrego como tu, alcançar a Felicidade?

— Sim, compreendo. E já não quero tentar decompor os elementos biológicos da Felicidade, analisá-la à semelhança de uma substância química, para descobrir os seus reagentes e dissolventes. Assim se deve autopsiar uma rosa ou um cisne? Desejo apenas ser feliz! Mãe Nature, escuta meu apelo! Ensiname!

E a mãe dos seres, compadecida, me esclareceu:

— Continua a perambular pelo mundo. Só na árvore da vida poderás colher os frutos nem sempre doces e sazonados da experiência.

E seguindo tal conselho, ao passar, hoje, por uma pequena vivenda rústica, perguntei a um risinho e varonil ancião, que se encontrava na varanda, abraçado à mulher, soltando densas baforadas do seu comprido cachimbo bávaro:

— O senhor conhece, por acaso, a Felicidade?

— Se conheço a Felicidade? Pois se ela é minha! Quer uma prova?

— Sim.

— Felicidade, ó Felicidade!

Uma bela cadelinha de raça, de pelos encaracolados, apareceu veloz, correndo.

Felicidade, meus amigos, cheguei a uma conclusão, é tudo aquilo que nos agrada, e pode ser feita de grandes ou pequenas coisas: uma vivenda rústica, um cachimbo, uma cadelinha, um livro, um amigo ou uma mulher.

Fernando Jorge - São Paulo (SP) - é escritor, jornalista, historiador, crítico literário, biógrafo, dicionarista e enciclopedista.

Exerceu o cargo de diretor da Divisão Técnica de Biblioteca da Assembleia Legislativa de São Paulo. Autor de *Eu Amo os Dois*.



Sonho Ilusório



Sonho Ilusório

Poemas de **Rosani Abou Adal**
Capa: Janaina Adal da Costa Millan
Prefácio: Maristela Sanches Bizarro

Pedidos:

(11) 97358-6255

www.poetarosani.com.br



A Poética Urbana de Carlos Galdino

Mayk Oliveira

A poesia de Carlos Galdino é como um fluxo contínuo que nos transporta, conectando espaços e experiências com naturalidade e precisão. Ela não apenas comunica com facilidade, mas também pulsa, caminha, quase como se tivesse vida própria. Seus versos carregam a simplicidade dos “haicais”, pequenos fragmentos que condensam significados amplos e universais. Ao lê-la, somos conduzidos de uma estação a outra, de um metrô a outro, de uma subestação a outra, aos espaços urbanos e mentais que capturam a essência das suas observações sobre a cidade apesar dos seus limites e barreiras físicas — trajetos físicos que simbolizam também percursos internos, emocionais e reflexivos. É a poesia que traduz movimento, que nos impulsiona a observar e viver o cotidiano com um olhar renovado, captando a beleza que muitas vezes nos escapa na pressa dos dias.

Carlos Galdino cria uma poética urbana, acessível, mas profundamente tocante, ideal para leitores que buscam versos que sejam, ao mesmo tempo, companheiros de viagem, guias contando histórias ora trágicas ora bem-humoradas. Certamente, uma grande cidade pode ser o cenário mais profundo da solidão. É nela que a multidão caminha numa coreografia descompassada, com pessoas imersas em seu próprio universo, em seus próprios destinos; muitas vezes esvaziadas de sentidos, reduzidas à mecânica da rotina. O vazio pulsa em prédios altos, em avenidas largas e nos vagões cheios de silêncios compartilhados.

E quanto às palavras? Elas, que deveriam ser pontes, encontram barreiras: limites de caracteres, caixas de recados, notificações ignoradas. Quantas são necessárias para traduzir o peso de uma angústia, a urgência de uma espera, ou a vastidão de uma saudade que não cabe no espaço digital e, com um clique, pode ser apagada? Nesse ambiente virtual, o

texto parece gritar no nada.

Mas há a feira. A feira é a avenida dos encontros, dos olhares que cruzam, das mãos que trocam gestos e histórias. É o lugar onde a espera e a memória se expõem e perseveram, enfrentando os dias e o tempo de aço. É o espaço dos afetos e muito mais significativamente, um contraponto: estação dos sonhos onde o peito resiste, as histórias se cruzam, a saudade se encontra, para ser vivida e compartilhada, com os desejos genuínos. E nesse ínterim a saudade é o fio que nos atravessa e, entre vozes, cheiros e sabores (de pastel e caldo de cana?) ela faz morada, persistente. É o desembarque da certeza que o mundo é maior que o cansaço. Penso o quanto, assim como Adélia Prado, os poemas exaltam a sensibilidade sobre a racionalidade fazendo o arremate essencial da vida humana. A saudade na poesia de Galdino é a catraca que gira a rotina cotidiana, as oportunidades perdidas, o potencial irrealizado, as desconexões humanas e os momentos extra (or-



Carlos Galdino

dinários) que se tornam comuns e sem impacto. É uma metáfora da vida e das escolhas que, por vezes, deixamos de fazer. Porque no fim só a saudade não passa — ela molda, endurece, mas também lembra que ainda estamos vivos. A poesia de Carlos Galdino é esse fluxo contínuo que nos transporta, conectando espaços e experiências com naturalidade e precisão.

Dessa forma os poemas nos fazem embarcar na busca de propósito e sentido em meio à abundância de caminhos e meios de

transporte que temos disponíveis. Me fazem lembrar de Nicolas Behr e de sua cidade natal, Brasília, a cidade sem esquinas e campo minado de saudade. A todo momento o poeta questiona a utilidade de tantas infraestruturas e formas de locomoção se no final, a falta do bilhete para o destino ou objetivo submerso, simbolizado pela frase “se nem tenho o seu endereço” (da humanidade ou da amada?). Carlos Galdino, portanto, nos alerta sobre a sensação de vazio diante da modernidade, onde, apesar de tantas opções e avanços, o que realmente importa é a conexão humana e emocional que pode estar ausente. É uma crítica delicada e bem humorada à superficialidade da vida movimentada, mas desprovida de direção pessoal. Porém seu caminho poder ser cheio de poesia.

CARLOS GALDINO nasceu em São Paulo, em 1978. É poeta, radialista e bacharel em Direito. Publicou os livros *Achados e perdidos* (2015) e *Poemas quase sinceros e outras mentirinhas* (2017), além de poemas em diversas obras coletivas. Participa há muitos anos de saraus e da cena cultural de São Paulo. Usa a palavra poética para registrar o cotidiano emocional e histórico que o rodeia.



Mayk Oliveira – Delmiro Gouveia (AL) - é poeta, escritor membro do movimento artístico *Arborosa* situado alto sertão, músico e professor de História e Letras com especialidade em ambas as ciências. Autor dos livros de poemas *Livro dos Delírios* (Parresia, 2020), *Pétrino Astéri* (Parresia, 2021) e *Alcatrão Com Grilos* (2022) e do livro de contos *Molhados Enxutos* (2021).

Sebo Brandão São Paulo

Compra e venda de livros usados
em todo o território nacional.
Fazemos encadernações.

Rua Conde do Pinhal, 92 -
ao lado do Fórum João Mendes

Tels.: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 -
sebobrandao@gmail.com - Face: Sebo Brandão São Paulo
<https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr>



Navegar

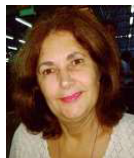
Maria de Lourdes Alba

A vida é navegar rumos incertos
Por mares abertos
Monótonos
A oscilar

Navegar
Belas paisagens além
Miragens de nautas

Nosso barco vai
E passa

Ponto perdido no tempo intemporal



Maria de Lourdes Alba - São Paulo - SP - é escritora, poeta, jornalista e pós-graduada em Jornalismo. albalou@uol.com.br

Farejar do Renascer

Rosani Abou Adal

Milhões de dólares na rede,
a fome embaixo dos viadutos.
A devastação humana solitária
em contraste com a hipocrisia
das catedrais burguesas.
O silêncio dos pratos vazios,
barrigas sedentas,
repletas de vermes.
Nada acalenta a fome.
Silêncio. Um suspiro.
Uma esperança
em preto e branco
embriaga e inebria
o ronco da rola-moça clorídrica.
Sol bemol na escala de Dó maior.
Restos de comida que os cães
não farejaram, a esperança que renasce.



Rosani Abou Adal - São Paulo (SP) - é Vice-presidente do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo. Membro da Associação Nacional de Escritores e da Academia de Letras de Campos do Jordão. Autora de *Sonho Ilusório*, entre outros. www.poetarosani.com.br

Lição de casa

Flora Figueiredo

Você tampa a panela, dobra o avental,
deixa a lágrima secar no arame do varal.
Fecha a gaveta, adia o problema,
atrasa a encomenda,
guarda insucessos no fundo da gaveta.
A ideia é tirar a tarja preta
e pôr o dedo onde se tem medo.
Você vai perceber
que somos nós que fazemos
o monstro crescer.
Em seguida, superar o obstáculo,
pois pode-se perder
um espetáculo que acontece do outro lado.
Atravessar o escuro
até conseguir tatear o muro,
que é o limite da claridade.
Se tiver capacidade para conquistá-la,
tente retê-la o mais que puder.
Há que ter habilidade, sem esquecer
que a luz é mulher.
Do inferno assim desmascarado,
é hora de voltar.
Não importa se é caminho complicado,
se a curva é reta ou se a reta entorta.
Você buscou seu brilho, voltou completa.
Jogou a tranca fora, abriu a porta.

Flora Figueiredo - São Paulo (SP) - é escritora, cronista, jornalista, tradutora e compositora. Autora de *Chão de Vento*. Exerceu o cargo de vice-presidente da Associação das Jornalistas e Escritoras do Brasil.



DEIXA O SOL ENTRAR

Alice Gurgel Amaral

Abrir clareiras no meio da
Mata fechada intrincada
Galhos retorcidos folhas
Teimosas enlaçando-se e
Não dando passagem.

Eu abri clareiras no meio da
Mata, deixei entrar o sol luz
Perfume dos ares atmosfera
Em festa, o sol entrou na mata
E na minha alma também !



Alice Gurgel Amaral - São Paulo - SP - é jornalista, escritora, presidente da Associação dos Aposentados da Justiça do Trabalho TRT2.

Haicais Modernos ou Livres

Débora Novaes de Castro

areia molhada
modela os sonhos
das gaivotas

trigal
espigas douradas
virgens meninas

ceifadas
a flor do claustro
e a margarida

Débora Novaes de Castro - São Paulo (SP) - é escritora, poeta, artista plástica e Mestre em Comunicação e Semiótica - Intersemiose na Literatura e nas Artes, PUC-SP. www.deboranovaesdecastro.com.br



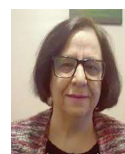
Poema sobre as águas

Isabel Furini

Navegar entre rosas de paixão
para escrever um hipnótico poema
capaz de rosnar
um poema-fênix
que nasça e renasça e possa
fortalecer as metáforas e a carcaça
e dançar sobre as águas rasas
e sobre as águas profundas da emoção

escrever um poema que morra de solidão
ou de uma picada de escorpião
e renasça entre as fendas do coração.

Isabel Furini - Curitiba (PR) - é escritora e educadora. Autora de *Os Corvos de Van Gogh* (poemas). Criadora do Projeto Poetizar o Mundo. Foi nomeada Embaixadora da Palavra pela Fundação César Egido Serrano (Espanha, 2017).





Livros

Dos 70 aos 70, poesias, breve antologia brasiliense, organizada por José Sóter, Semim Edições, Brasília (DF), 144 páginas. ISBN 978-65-980743-1-9.

A capa é de Rômulo Andrade. A obra tem QR Code com instruções para ouvir os poemas.

Participam da antologia Angélica Torres Lima, Francisco K., José Carlos Vieira, Luís Martins da Silva, Nicolas Behr, Noélia Ribeiro, José Sóter e Vicente Sá. Abriga homenagem a Paulo Tovar.

Segundo Wélcio de Toledo, "Oito poetas, muitos poemas, uma longa estrada percorrida desde os anos 1970 e o público de hoje é presenteado com um belo extrato do que houve e há dessa mistura entre poesia, cidade, lutas e amizades, cerrado e concreto, marginal e magistral, impressos no corpo do papel e na alma dos apaixonados pela poesia e pela cidade."

Semim Edições: <https://semimedicoes.com.br/>



Chapéu-de-Sol - Poemas da beira do mar, de Benilson Toniolo, Editora Costelas Felinas, Santos (SP), 128 páginas.

O autor é escritor, professor, poeta, contista e membro da Academia de Letras de Campos do Jordão. Exerceu o cargo de secretário municipal da Cultura de Campos do Jordão.

A obra reúne poemas publicados em jornais, revistas, antologias e nos livros *Sandálias Paternas*, *Mar de Amares*, *Marés e Serranias*, *Almadia*, *As Margens do Coxipó*, *Moderna*, *Canoeiro*, *Calundu* e de *Sob Um Céu de Gaixota*.

Editora Costelas Felinas:

<https://artesanallivros.blogspot.com/>

Benilson Toniolo:

benilsontoniolo@hotmail.com.br

É AMOR OU É BESTEIRA?



O novo livro de poesias de **Carlos Galdino**, Editora Forja, *"Entre a dúvida e a paixão, a poesia revela o que o coração teima em esconder."*

Com sua escrita afiada e sensível, Galdino traduz sentimentos que oscilam entre a doçura e a desilusão, convidando o leitor a refletir sobre os mistérios do amor e da vida.

Garanta já o seu exemplar!



(11) 95999-9045

Medo de Monstro ou Monstro do Medo?, coletânea organizada pelas professoras e escritoras Michele Vieira Ribeiro Doneda e Maria Lu T. S. Nishimura, Edições Archangelus, selo Curumim, São Paulo, 138 páginas.

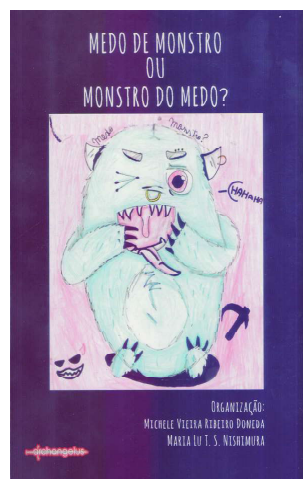
ISBN: 978-65-5215-28-8. A ilustração da capa é de Esther Sofia Bastos Cosme.

A obra, que reúne textos e desenhos produzidos pelos alunos do 5º ano B da EMEB Professor Nunes de Itaquaquecetuba (SP), contou com o apoio da Cesta Básica do Amor.

Participam da coletânea Ana Carolina Souza Melo, Arthur dos Santos Lopes, Aylla Samyly Pereira Barbosa, Caroline Victória Vasquez Suri, Claudson Calebe Coelho da Silva, Davi Luiz Ribeiro de Moura, Erick Barauna Costa, Esther Sofia Bastos Cosme, Gustavo Lourival Pereira da Silva, Heloisa Camandaro-ba, Isabelly dos Santos Cardoso Lima, Jamilly Rodrigues Nicolau, João Pedro Lima Costa, Kauany Alexandre de Lima, Kevyn Kauan Sousa Oliveira, Laís Moraes Ferreira da Silva, Laynna Sophia de Jesus Santos, Maria Eduarda Aquino do Nascimento, Miguel Gonzaga Ribeiro Alves, Nicolly Doviana da Silva Ferreira, Nicolly Garcia Ferreira, Pablo Gonçalves dos Santos Bispo, Rafaella Soares Pereira, Raquel Ribeiro de Melo, Rayssa Ruiz Jacobe, Sofia da Silva Oliveira, Walter Gustavo Magalhães Maximiano Moreira, Yasmim de Lira Monteiro e Yasmim Monteiro dos Santos. Participações especiais de Claudson Davi Cândido da Silva, Sophia de Andrade Ribeiro e Thaila Bastos de Oliveira.

Edições Archangelus: (11) 99861-9450.

Michele Doneda: michelelv-doneda@hotmail.com



Concursos

O **7º Prêmio Scortecchi de Poesia 2025**, com tema é livre, nas categorias de poeta estreante e poeta com obra publicada, está com inscrições abertas até 31 de maio de 2025.

Os interessados poderão inscrever um poema inédito em língua portuguesa. Serão selecionados 50 (cinquenta) poemas para publicação na antologia do 7º Prêmio Scortecchi de Poesia 2025.

Serão agraciados 5 (cinco) poetas estreantes e 45 (quarenta e cinco) poetas com obras publicadas que receberão cinco exemplares da antologia.

O regulamento está disponível em https://www.scortecchi.com.br/materias.php?cd_secao=875&codant=&friurl=-PrAamio-2025-.

Inscrições: <https://www.scortecchi.com.br/formulario.php?id=892>

O **Prêmio LeYa 2025**, destinado a romance inédito, está com inscrições abertas até o dia 30 de abril. É obrigatório o uso de pseudônimo.

Os interessados deverão enviar os originais com um mínimo de 200.000 caracteres, incluindo espaços, em formato Word (docx), acompanhados de uma sinopse com no máximo de 2.000 caracteres (incluindo espaços).

A premiação será no valor de 50.000 (cinquenta mil) euros e a publicação da obra. O regulamento está disponível em <https://www.leya.com/pagina/regulamento-premioleya>. Inscrições: <https://premio.leya.com/Informacoes>. Telefone 00351214272288. E-mail: premioleya@leya.com.

Prêmio Todavia de Não Ficção – 2024/2025, promovido pela editora Todavia, destinado a biografias inéditas, escritas em língua portuguesa, está com inscrições abertas até o dia 30 de abril. É obrigatório o uso de pseudônimo.

Premiação: Contrato de publicação que inclui um adiantamento de R\$ 15.000,00. Regulamento disponível em https://todavialivros.com.br/files/regulamento_premio_todavia_ano_4.pdf.



Notícias

Márcio Catunda lançará *Sinfonia Italiana - Uma História da arte na Itália*, no dia 8 de abril, terça-feira, das 17 às 20 horas, na Livraria Martins Fontes, Av. Paulista, 509, em São Paulo. Márcio Catunda é escritor, poeta, ensaísta, romancista, advogado, compositor e diplomata. Membro da Associação Nacional de Escritores e da Academia Cearense de Letras. Exerceu a função de Cônsul-Adjunto no Consulado-Geral do Brasil em Genebra - Suíça. Presidiu o Clube dos Poetas Cearenses.

O Jornal da ANE da Associação Nacional de Escritores publicou o poema "Futuro Neon", de Rosani Abou Adal, na página 7, na edição nº 128, Ano XVII, janeiro/fevereiro de 2025.

Zulu de Arrebatá e Rosani Abou Adal se apresentaram no Espaço Cultural Dedo de Prosa, no dia 15 de fevereiro, Rua Frimino Ferreira Leão, 77, Jardim Alto Pedroso, São Miguel, em São Paulo. Zulu de Arrebatá tocou suas canções e Rosani Abou Adal declamou seus poemas.

O Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo realiza Assembleia Geral no dia 12 de março, quarta-feira, das 19 às 22 horas, no auditório Vladimir Herzog do Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo, Rua Rego Freitas, 530 - sobreloja, em São Paulo.

O 11º Sarau da TV Artmult Cultural, especial do Carnaval, realizado em parceria com o jornal *Linguagem Viva*, no dia 15 de fevereiro, no Ponto de Memória Cama & Café, Rua Roberto Simonsen, 79, contou com as participações de Carla Elaine, Fernanda Gaudencio, Niccanor Jacinto, Pedro Gomes, Selma Patti Spinelli, Rosani Abou Adal, Xuxa Mentone, Luiz Antonio Pereira e Cleide Rocha. O vídeo, dirigido por Niccanor Jacinto, apresentado por Rosani Abou Adal e editado por Gabriel Pettine, está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=cS7LaGZLh7Q>.

O I Prêmio Nacional de Literatura Infantojuvenil para Quilombolas e Ciganos, promovido pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, por meio do DIVERSIFICA - Inclusão e Diversidade, e o Ministério da Igualdade Racial, está com inscrições abertas até o dia 15 de abril. Tem como objetivo fomentar as produções literárias infantojuvenis realizadas por pessoas quilombolas e ciganas. Edital disponível em https://www2.ufrb.edu.br/diversifica/images/diversificacacs/editais/edital_premio_literatura_infantojuvenil_2025.pdf.

Walther Moreira Santos, com a obra *O ano do Nirvana*, foi agraciado, na 9ª edição do Prêmio Kindle de Literatura. Receberá R\$ 50 mil, sendo R\$ 40 mil em dinheiro e R\$10 mil em adiantamento de royalties. A obra será publicada pelo Grupo Editorial Record.

A Feira Internacional do Livro Infantil de Bolonha será realizada de 31 de março a 3 de abril.

Affonso Romano de Sant'Anna, escritor, poeta, cronista, professor, ensaísta e crítico literário, faleceu no dia 4 de março, aos 87 anos, no Rio de Janeiro. Nasceu em Belo Horizonte (MG) em 27 de março de 1937. Exerceu o cargo de presidente da Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e instituiu o Programa Nacional de Incentivo à Leitura. Doutor em Letras, lecionou na Universidade da Califórnia em Los Angeles, nos Estados Unidos, e participou do Programa Internacional de Escritores da Universidade de Iowa. Dirigiu o departamento de Letras da PUC-Rio e foi cronista do *Jornal do Brasil* e d'O *Globo*. Autor de mais de 60 obras, dentre elas, *Drummond - o Gauche no Tempo*, três volumes de *Poesia reunida*, *Intervalo amoroso*, *Ler o Mundo*, entre outras.

A Série Mulheres Contra a Ditadura, publicada no jornal *Cândido*, de 27 de março a 19 de dezembro de 2024, foi lançada em edição única que reúne textos inéditos publicados com o objetivo de salientar a trajetória de mulheres que lutaram contra o regime militar no Brasil.

Amar, Verbo Intransitivo, de Mário de Andrade, foi lançado em audiolivro pela Audible com narração e interpretação da atriz Júlia Lemmertz. <https://www.audible.com.br/>

O FliFantasy – Festival Literário de Fantasia será realizado no dia 13 de abril, no Marte Hall, Rua Domingos de Morais, 348, em São Paulo, das 11 às 18 horas.

Eduardo Waack publicou entrevista com Anderson Braga Horta no jornal *O Boêmio* de Literatura brasileira contemporânea. <https://jornaloboemio.wordpress.com/2025/02/28/anderson-braga-horta-a-expressao-maior-da-literatura-brasileira/>

Ieda Estergilda de Abreu, jornalista, cronista e escritora, lançará o livro de poemas *Pandemonias*, pela editora Patuá, no dia 27 de março, quinta-feira, às 19 horas, na Livraria Patuscada, Rua Luiz Murat, 40, em São Paulo.

Isabella Mendes Freitas, com o trabalho "Linhas e curvas, cinzas e cores: Estrangeiros e estrangeirismo na obra de Gilberto Freyre" foi agraciada com o 3º Concurso Internacional de Ensaio - Prêmio Gilberto Freyre 2024/2025. Receberá a importância de R\$ 20 mil e a obra será publicada pela Global Editora.

Luiz Pereira Moysés, escritor e artista plástico, faleceu no dia 14 de fevereiro de 2025, aos 90 anos, em São José dos Campos (SP). Nasceu em 21 de agosto de 1934 em Campos do Jordão (SP). Ocupava a Cadeira número 6 da Academia de Letras de Campos do Jordão que tem como patrono Victor Brecheret. Autor de *História da Vila Capivari: dos primórdios aos anos 1980*, em parceria com sua filha Adriana Maria Russo Moysés Harger, presidente da Academia de Letras de Campos do Jordão.

Cacá Diegues, cineasta, roteirista e membro da Academia Brasileira de Letras, faleceu no dia 14 de fevereiro no Rio de Janeiro. Nasceu em 19 de maio de 1940, em Maceió (AL). Autor de *Todo domingo* que reúne artigos publicados no jornal *O Globo*.

Sevani Matos foi reeleita presidenta da Câmara Brasileira do Livro para o biênio 2025/2027. A nova gestão tem como vice-presidente administrativo e financeiro Diego Drumond, Hubert Alquéres como vice-presidente de operações e Luciano Monteiro como vice-presidente de comunicação e sustentabilidade.

O Escritório de Direitos Autorais da Fundação Biblioteca Nacional está atendendo na regional de São Paulo, das 10 às 16 horas, na Alameda Nothman, 1058, em São Paulo, telefone (11) 3825-5249. O EDA/FBN está com nova tabela de preços, desde janeiro de 2025, para registro, averbação de obras intelectuais e demais serviços. Informações sobre registro, preços e a Guia de Recolhimento da União estão disponíveis em <https://www.gov.br/bn/pt-br/atuacao/direitos-autorais-1/como-solicitar-o-registro-de-sua-obra>.

A FLIEI - Feira Literária de Escritores Independentes será realizada no dia 12 de abril, das 11 às 18 horas, no Shopping Pateo Itaqua, ao lado do hipermercado Davó, na Avenida Italo Adami, 1809, em Itaquaquecetuba (SP). A feira, idealizada com a curadoria de Michele Vieira Ribeiro Doneda, tem como objetivo apoiar, divulgar e dar visibilidade a escritores, poetas, artistas, músicos, cantores e artesãos. Abrigará clubes de leituras, contações de histórias, saraus, vendas de livros e publicações coletivas. Informações pelo telefone (11) 99695-5471 com Michele Doneda.